

I Congreso Internacional de Investigación y Práctica Profesional en Psicología
XVI Jornadas de Investigación Quinto Encuentro de Investigadores en Psicología
del MERCOSUR. Facultad de Psicología - Universidad de Buenos Aires, Buenos
Aires, 2009.

Profissionais do sexo: estigma e identidade.

Scheidt, Leticia.

Cita:

Scheidt, Leticia (2009). *Profissionais do sexo: estigma e identidade. I Congreso Internacional de Investigación y Práctica Profesional en Psicología XVI Jornadas de Investigación Quinto Encuentro de Investigadores en Psicología del MERCOSUR. Facultad de Psicología - Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires.*

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-020/532>

ARK: <https://n2t.net/ark:/13683/eYG7/v88>

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.

PROFISSIONAIS DO SEXO: ESTIGMA E IDENTIDADE

Scheidt, Leticia
Uniamérica, Faculdade União das Américas, Brasil

RESUMEN

Este artigo, produzido a partir de revisão bibliográfica, pretende discorrer a respeito de como se vêem as profissionais do sexo levando em consideração as relações de estigma, sob a ótica do comportamento desviante. Tem como objetivos entender como as mulheres profissionais do sexo se percebem enquanto tal; investigar quais os papéis que assumem na sociedade e se eles são influenciados pela prática da prostituição; perceber a partir da literatura sobre profissionais do sexo o quanto são estigmatizadas e se acabam incorporando o discurso vitimizador. Conclui-se que a prostituição deve ser vista como um fenômeno social, ultrapassando as barreiras do moralismo.

Palabras clave

Estigma Profissionais do sexo

ABSTRACT

SEX PROFESSIONALS: STIGMA AND IDENTITY

This study, produced from a bibliographic review, attempts to describe how sex professionals identify themselves, considering stigma relations and deviation behavior. It aims at understanding how female sex professionals perceive themselves; investigating which roles they assume in society and if these roles are influenced by prostitution practice; researching on literacy how much sex professionals are stigmatized and incorporate a victim talking. It is concluded that prostitution must be seen as a social phenomena, going beyond moralism.

Key words

Stigma Sex professionals

INTRODUÇÃO

O fenômeno da prostituição é de longa data conhecido. Existem nas mais diversas sociedades e épocas e teve inúmeros entendimentos e olhares. De rito sagrado a possessão demoníaca, de status importante a discriminação social (Carvalho, 2000), a prática no mínimo suscita questionamentos constantes.

Este é um comportamento considerado pela maioria como desviante e que, portanto, é demarcado e marginalizado. Surge, desta condição, a reflexão do presente trabalho: Como se vêem as profissionais do sexo levando em consideração estas relações de estigma?

Cabe aqui esclarecer a pertinência da proposta de estudar a condição de algumas prostitutas e como compreendem o estigma e a identidade da sua prática. Afinal, o fenômeno é atravessado por temas muito pertinentes para a práxis do psicólogo, tais como relações de poder, representações sociais, estigma e condutas desviantes. Além disso, serve como ferramenta para dar voz a essa comunidade possibilitando-lhes maior autonomia.

Dentre os objetivos do presente trabalho, podemos citar:

- Entender como as mulheres profissionais do sexo se percebem enquanto tal;
- Investigar quais os papéis que assumem na sociedade e se eles são influenciados pela prática da prostituição;
- Perceber a partir da literatura sobre profissionais do sexo o quanto são estigmatizadas e se acabam incorporando o discurso vitimizador.

Para isto, a metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica, que se fundamenta a partir de materiais já elaborados, como livros e artigos escritos por outros autores. Apesar de não permitir o contato direto com a comunidade em questão, este tipo de levantamento tem a vantagem de “permitir ao investigador a cobertura de

uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente” (Gil, 1999, p. 65).

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O indivíduo lê o mundo a partir da sua vivência, tradições e costumes. As diversidades culturais são muitas e as pessoas formam grupos que se organizam conforme suas proximidades e identidades. Entretanto, as diferenças nem sempre são consideradas desta forma, ou seja, como maneiras de ler a realidade, mas como um desvio - um equívoco - daqueles que agem de maneira contrária à estabelecida por determinado grupo. Não se considera que o desviante possa estar apenas interpretando a realidade, mas imagina-se que ele não vê um sentido e, portanto, age em descompasso. Encarando os fatos desta maneira, estariam concebendo a cultura como algo acabado e homogêneo, mas se a encaramos de forma contrária perceberemos que é a interação dos indivíduos que a forma e assim as atitudes divergentes não seriam um desvio, mas um caráter diferente de interpretação proveniente de uma realidade dinâmica que está sempre em movimento se construindo e, portanto, podendo se transformar, pois os indivíduos não desempenham papéis únicos ou permanentes, mas experiências particulares (Velho, 1985).

O desvio nada mais é que a “acusação”, de um indivíduo a outro, que acontece na interação e no jogo de poder entre eles. Determinados grupos estabelecem normas de acordo com o poder que têm, assim há também um jogo, no qual os mais fracos precisam se submeter àqueles que tiveram mais influência e conseguiram determinar as normas. Contudo, isso não é fixo. Há sempre uma possibilidade de mudança de parâmetros e do estabelecimento de novos grupos. Quando determinados indivíduos rompem com os códigos até então estabelecidos naquela realidade automaticamente são colocados à margem, excluídos e não aceitos, enfim são definidos como pessoas que possuem comportamentos desviantes. Geralmente essas pessoas são encaradas como doentes, criminosas ou perigosas.

Para Goffmann (1988), estigma é um atributo depreciativo conferido a um indivíduo, partindo de uma determinada característica, tornando-a totalizadora, e que é incongruente ao estereótipo criado de como as pessoas devem ser ou agir. Desta forma, o estigma passa a existir a partir das relações entre as pessoas, ou seja, dos choques entre os “normais” e os “anormais”. É estabelecido um estigma a partir de uma determinada característica do indivíduo e ele passa a ser reconhecido apenas por ela como se em todos os momentos agisse utilizando apenas aquela identidade. Em contraposição, as pessoas estigmatizadas vão tentando manipular a sua identidade tentando sempre mostrar a “melhor face”. Este é um processo de racionalização e relativização da identidade e que também constrói a mesma, a partir de como o indivíduo se vê, como o grupo a que pertence o vê e como os demais membros da sociedade o concebem através da sua conduta.

A prostituição, da mesma forma como os demais estigmas, exerce um caráter totalizante na identidade das pessoas a quem é atribuída. Portanto, estabelecido um atributo, essas pessoas passariam a se constituir apenas por ele em todos os momentos, como se não fizessem outras coisas e como se não houvessem diferenças no interior do grupo. Entretanto, percebemos que há uma constante relativização por parte das garotas de programa a respeito disso. Procuram estabelecer hierarquias para demonstrar que não são todas iguais.

[...] tem muitos tipos de garotas... tem aquelas que estão ali porque precisam do dinheiro para sustentar os filhos e aquelas que só querem se drogar e se prostituir... (Moutinho, 2002)

Podemos perceber que ocorre a intenção de jogar a imagem negativa àquelas que teriam uma conduta não aceitável para as regras do grupo. São sempre as outras que têm uma conduta desviante e assim tiram, neutralizam a imagem de que seriam todas iguais. Demonstram, desta forma, que cada grupo estabelece suas próprias regras, o código que vão seguir.

Assim como caracteriza Gaspar (1988), é muito presente a suposta história de vida das garotas de programa. Quando falam sempre há espaço para dizerem como é que se tornaram prostitutas. Mas não se sabe até que ponto o que contam é a verdade, pois criando histórias de vida poderiam estar preservando a verdadeira identidade e até mesmo gerando piedade através de his-

tórias sofridas. A principal causa da prostituição é unânime na literatura pesquisada - a falta de dinheiro num sistema de competição econômica que se acirra cada vez mais, exigindo muito dos concorrentes ao mercado de trabalho.

"...Meu marido tava desempregado"... (trecho da entrevista de Rosa) "quando eu me separei e vi minhas duas filhas... passando fome, e eu não conseguia emprego e não tinha com quem deixar as meninas, pensei que tinha que fazer alguma coisa, porque a pior coisa para uma mãe é ver os filhos pedindo o que comer, e não ter nada pra dar pra eles" (trecho da entrevista de Xuxa). (Moutinho, 2002, p.36)

A questão econômica seria o que leva uma mulher a tornar-se prostituta. Entretanto, aqui também estão presentes as hierarquias, não são todas que agem desta forma simplesmente pela falta de dinheiro, mas também para manter um determinado padrão de vida. Utilizando a necessidade de sobrevivência para exercer esta atividade ocorre a legitimação da mesma e também uma espécie de piedade que justificaria a conduta. Nos casos analisados, geralmente elas precisam sustentar os filhos, a família, ou pagar os estudos. Seria para dar condições dignas aos filhos que agiriam assim. Observamos um apreço muito forte à família.

"Já trabalhei como doméstica, mas não gostei, o trabalho fora da vida paga muito pouco, isso é ruim. Com a batalha [trabalho na prostituição] já comprei casa, móveis, roupas e só não tenho carro porque não sei dirigir ainda, mas tenho muitas coisas que eu queria antes e não podia ter. Não sou rica, mas tenho uma vida boa para mim e para minha filha. Ganha-se muito dinheiro aqui, mas é preciso ter cabeça porque da mesma forma que vem rápido, vai rápido. Como qualquer trabalho, se você gasta e não pensa no que faz, não adianta que vai estar sempre na pior". (Carvalho, 2000, p.43)

Na tentativa de legitimar a "atitude desviante", elas ainda atribuem uma utilidade social para a prostituição. A existência de garotas de programa seria uma forma de não levar a sociedade ao caos, seriam um "mal necessário" que manteria o funcionamento da sociedade protegendo a família de um instinto sexual masculino não satisfeito (Gaspar, 1985).

Em comparação com outros países onde a prostituição foi estudada e conforme retrata Gaspar em seu trabalho percebemos que no Brasil há uma flexibilidade nas relações das garotas de programa com os locais onde trabalham sejam esses as zonas, sejam as próprias casas. Existe a liberdade para mudar de casa e também de ponto, para as que trabalham na rua. No entanto, como se trata de uma forma de "ganhar dinheiro" é presente a concorrência entre estes estabelecimentos.

É notável que o tempo inteiro precisam recorrer a categorias que relativizem e hierarquizem a condição de prostituta. Isso ocorre em relação à imagem que a sociedade tem destas e estaria enquadrando de maneira igual, quando elas não se consideram assim e nem mesmo são. O discurso delas é um diálogo com os preconceitos que sofrem, na medida em que passam a manipular as acusações sofridas estabelecendo hierarquias.

"Em relação ao atributo que afirma serem todas iguais, o que implica vulgaridade e as totaliza sob o estereótipo de prostituta, as garotas apresentam um discurso bastante enfático evidenciando a hierarquização existente no interior dessa categoria e se opõem a maneira vigorosa aos segmentos considerados inferiores, sobre os quais recaem os próprios preconceitos." (Gaspar, 1985, p.119).

Desta maneira, há uma espécie de vida dupla para estas mulheres. Nos relatos encontrados, é comum que os familiares não saibam a respeito do trabalho que elas mantêm, ou façam "vistas grossas". O discurso gira em função do preconceito que isto suscita.

"Não quero que a minha filha saiba onde eu trabalho, tenho essa preocupação em não deixar que nenhum vizinho ou parente saiba o que eu faço. Eu digo pros meus vizinhos que trabalho em um bar, mas não dou muita confiança pra não fazerem perguntas demais, não é bom pra mim nem pra minha filha. Vão ficar me apontando como eu mesma fazia antigamente. Quando estou trabalhando na rua é uma coisa, quando estou em sociedade é outra coisa totalmente diferente. Nem dou muito assunto..." (Carvalho, 2000, p. 45)

Existe uma rede de relações que se estabelece no cotidiano das

profissionais do sexo. Mesmo para aquelas que trabalham por conta, é inevitável levar em conta a organização social que as cerca. Em geral, há uma resistência em relação aos vínculos com casas noturnas e cafetões.

"Não, essa gente explora muito, tem que dar quase tudo para eles, não é negócio" (trecho da entrevista de Rosa). "Não, eu faço por mim". (trecho da entrevista de Xuxa). "Não, nem pensar..." (trecho da entrevista de Daiane). "Não, quem trabalha nestas casas tem que beber muita bebida alcoólica, elas são obrigada; mulher que não bebe, não fica" (trecho da entrevista de Taty). "Não, só trabalho na rua" (trecho da entrevista de Sílvia). "Já tive, agora não" (trecho da entrevista de Deise". (Moutinho, 2002, p. 31)

Entretanto, pela necessidade de segurança, existe o costume de se manterem nas proximidades da área de trabalho e das outras mulheres. Muitas deixam explícito que só vão até os hotéis, onde são conhecidas, não entram em carros e motos.

"É que eu não entro no carro, eu só faço aqui no hotel, eu não saio daqui, é mais seguro, aqui eu conheço todo mundo" (trecho da entrevista de Xuxa). "...mas eu não saio daqui, tem dois hotéis aqui na rua que eu vou sempre, eu não saio com ninguém, é mais seguro" (trecho da entrevista de Daianne). "Eu não saio daqui, é mais seguro, o pessoal já me conhece... sei lá para onde esses caras podem me levar" (trecho da entrevista de Taty). "daí a gente dá preferência de fazer aqui... é mais garantido" (trecho da entrevista de Sílvia). (Moutinho, 2002, p.29)

Gaspar (1988) ressalta que a principal ferramenta que as profissionais têm para saírem de uma situação de risco é justamente o escândalo, pois ele exacerba a condição de desviante. Para Goffman, este é um mecanismo próprio dos grupos estigmatizados, que utilizam os próprios contextos em que são vítimas para tirar proveito. É o que ele conceitua como manipulação da identidade deteriorada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

À medida que um trabalho como este vai sendo escrito, vamos compreendendo o quanto é infundável e inesgotável, dado que é um recorte da realidade presente a cada cidade, a cada contexto, a cada história de vida. Reduzir o tema através de concepções morais, tais como "a prostituição é um mal necessário", "a prostituta é mulher de vida fácil", e outras posturas excludentes, nos impede de adentrar este universo rico e cheio de subjetividades, de mulheres mães, esposas, amigas.

Interessa-nos tomar distância destas concepções simplistas e entender a prostituição como fenômeno social. As mulheres que se tornam prostitutas tem seus trajetos de vida tal como as balconistas, secretárias, etc. Não são nem vítimas absolutas de um sistema injusto, nem vilãs a roubar maridos. Vale observar o fenômeno com este olhar crítico, superando os discursos vitimizadores mantidos por elas e o sempre presente discurso moralista da sociedade, que as coloca como o oposto da família, na velha dicotomia santa-prostituta.

BIBLIOGRAFIA

- CARVALHO, S. de. As virtudes do pecado: narrativas de mulheres a "fazer a vida" no centro da cidade. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2000. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública), Escola Nacional de Saúde Pública, Fundação Oswaldo Cruz, 2000.
- DIMENSTEIN, G. Meninas da noite: a prostituição de meninas-escravas no Brasil. 10 ed. São Paulo: Ática, 1994.
- GASPAR, M. D. Garotas de programa: prostituição em Copacabana e identidade social. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.
- GIL, A. C. Métodos e técnicas de pesquisa social. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- GOFFMAN, E. Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: LTC, 1988.
- MOUTINHO, M. As profissionais do sexo e suas relações de trabalho. Biguaçu: Univali, 2002. Trabalho de Conclusão de Curso em Psicologia.
- SCARPARO, H. (org). Psicologia e pesquisa: perspectivas metodológicas. Porto Alegre: Sulina, 2000.
- VELHO, G. Desvio e divergência. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.